

Escolas na contra-mão da história

Secretaria de Educação do Distrito Federal suspende programa elogiado até por ministro e pela Unesco

Lisandra Paraguassú
Da equipe do **Correio**

O Distrito Federal reduziu em mais de 60% o número de alunos matriculados em classes de aceleração — dedicadas a alunos com atraso escolar, para que eles recuperem a aprendizagem e possam cursar séries mais avançadas. Em 1999, o número de matrículas caiu de 13.465 crianças, cerca de 10% dos estudantes de ensino fundamental do DF, para 5.258. Os números estão no Censo Escolar desse ano feito pelo Instituto Nacional de Pesquisas em Educação (Inep).

O fato poderia ser uma boa notícia se significasse que está diminuindo o número de crianças brasilienses atrasadas em relação à série em que deveriam cursar. No entanto, conforme os dados do Inep, um terço delas ainda está, em média, atrasada dois anos.

"Quando acontece essa diminuição, pode haver duas razões. Ou estão acabando as crianças que precisam desse recurso ou houve uma decisão política", interpreta Maria Helena Castro, presidente do Inep. No caso do estado do Paraná, por exemplo, onde houve uma queda de 55% no índice de estudantes atrasados, a razão é o sucesso do programa, instalado em 1997.

"Nós fizemos um investimento bastante forte em 1997 e 1998. Este ano há ainda um resquício a resgatar", explica Zélia Marochi, superintendente de educação do estado. O Paraná tinha cerca de 149 mil crianças nas classes de aceleração em 1997. Hoje, está com 66 mil.

No Distrito Federal o caso é diferente. A queda nas matrículas é fruto da interrupção do programa, iniciado no governo Cristovam com o nome de Classes de Reintegração. Foram mantidas apenas turmas de reintegração I, que atendem crianças de 10 a 11 anos. As classes seguintes, para estudantes

entre 11 e 13 anos, foram suspensas.

"Foi uma decisão política de não se criar nada enquanto não houvesse uma avaliação", explica Ana Maria Villaboim, coordenadora pedagógica da Secretaria de Educação. "Este ano nós suspendemos as turmas nas escolas em que foi possível, porque está sendo feita uma reavaliação dos resultados."

ADAPTAÇÃO

A coordenadora informa que a suspensão é temporária. As turmas voltarão no ano que vem, com o nome de Classes de Aceleração — uma ligeira adaptação para eliminar qualquer relação com o programa do governo anterior — e terão material pedagógico próprio. "As turmas não tinham material adaptado às suas necessidades e isso prejudicava seu rendimento", explica Ana Maria.

A secretaria encomendou uma pesquisa à Fundação Cesgranrio, do Rio de Janeiro, para avaliar os resultados das classes de reintegração — classificadas pela secretária Eurides Brito como a "pior herança do governo Cristovam". Os resultados estarão disponíveis ainda este ano, mas, conforme Ana Maria, a avaliação foi muito ruim. "Mostrei um péssimo desempenho das classes de TR", garante.

Não é o que aconteceu, por exemplo, com Adriana Silva Casado, 13 anos, paraibana do sertão. Com as constantes mudanças de cidade dos pais, teve que fazer duas vezes a primeira série e duas vezes a segunda. "Quando mudava, às vezes não tinha o papel da transferência, e tinha que repetir o ano", conta.

Adriana chegou ao Distrito Federal no ano passado para trabalhar de babá em uma casa de família e cursar a 3ªsérie. Entrou na Reintegração II do Centro de Ensino 4 do Guará I. Hoje, está na 6ªsérie e nunca pegou uma recuperação. Todas as notas dela são acima da média. E



Classe de aceleração em escola brasiliense: fim das turmas contraria tendência de estímulo a projetos destinados a alunos com problemas

continua trabalhando.

Os professores contam que, quando chegou, a menina paraibana, tímida, não acreditava na possibilidade de pular séries. Agora, Adriana já pensa mais longe. "Pela minha idade eu queria estar fazendo a 8ª, mas isso vou conseguir logo."

A mesma sorte não teve Elisvaldo Santos, também de 13 anos. Chegado da Bahia no ano passado, morando na invasão da Estrutural, o menino entrou na escola pela primeira vez em 1998. Está na 2ªsérie. A maioria dos colegas tem pouco mais da metade da idade dele. "Ia ser bom se eu pudesse estar numa aula com gente da minha idade, aprendendo mais coisas."

O problema é que as turmas de reintegração acabaram antes de chegar a vez de Elisvaldo. Talvez no ano que vem.

RECLAMAÇÃO

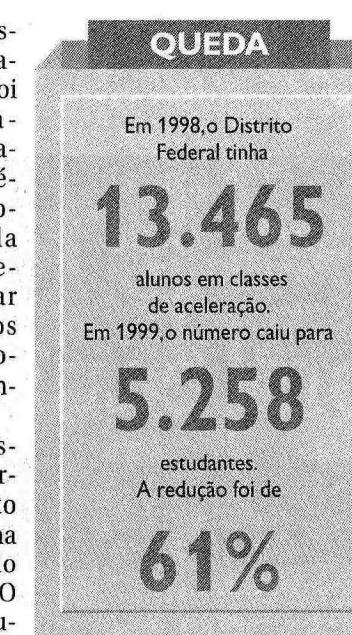
o decreto chegou às escolas no início desse ano. Em pelo menos três delas onde o **Correio** fez contatos, muitos professores — que preferem não se identificar — reclamam que a mudança

foi muito brusca. Quem estava nas TRs II foi automaticamente mandado para a 5ªsérie. Muitos colégios ainda mantêm o reforço escolar para ajudar os alunos promovidos para o ensino regular.

Com a suspensão das turmas, o Distrito Federal anda na contra-mão do resto do país. O número de alunos em classes

de aceleração subiu 1,9% na média brasileira, 25% na região Centro-Oeste, 49% no Nordeste. "Há um incentivo do Ministério da Educação para esses programas", explica Maria Helena Castro.

O MEC tem mais de 800 convênios assinados com estados e municípios para fornecer material didático especial. O próprio ministro Paulo Renato Souza é



satisfeito. Em São Paulo — estado onde o processo está mais adiantado — uma avaliação feita no ano passado mostrou que entre os alunos das Classes de Aceleração I, 68,74% foram promovidos para uma série superior e um terço foi promovido direto para a 5ªsérie.

No caso da Aceleração II, 87%

um defensor do programa para terminar com a chamada distorção idade/série. "Esse programa tem como característica recuperar a auto-estima do aluno", diz Nabiha Gebrim, coordenadora de Ensino Fundamental do ministério.

"Do que eu já vi, os resultados são fantásticos."

Quem já fez a avaliação dos

programas está

rie. "Esses alunos tendem a crescer porque eles aprendem a acreditar que são capazes, preparam-se para estudar mais e são estimulados a tomar iniciativa", explica Marta Grossbaum, diretora da Coordenação de Planejamento da Secretaria de Educação de São Paulo.

Os projetos encontram aprovação em diferentes instituições. A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) classificou as classes de aceleração como um programa essencial. A organização não-governamental Instituto Ayrton Senna criou o programa Acelera, Brasil para treinar professores na metodologia necessária. O Conselho Nacional de Educação apóia os programas. "É uma necessidade", declara Ulysses Panisset, presidente da Câmara de Educação Básica do CNE. "É de extrema importância para corrigir a distorção no Brasil."

Aos alunos do Distrito Federal resta, então, rezar que a mudança de nome — Turmas de Reintegração para Classes de Aceleração — seja o suficiente para